

Lucy Adlington

AS

COSTUREIRAS

DE

AUSCHWITZ

A verdadeira história das mulheres  
que costuravam para sobreviver

CRÍTICA

Lucy Adlington

AS  
COSTUREIRAS  
CRÍTICA DE  
AUSCHWITZ

A verdadeira história das mulheres  
que costuravam para sobreviver

*Tradução*  
Renato Marques

Copyright © Lucy Adlington, 2021

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022

Copyright da tradução © Renato Marques

Todos os direitos reservados.

Título original: *The Dressmakers of Auschwitz: The True Story of Women Who Sewed to Survive*

*Preparação:* Thais Rimkus

*Revisão:* Renato Ritto e Vivian Miwa Matsushita

*Diagramação:* Vivian Oliveira

*Capa:* adaptada do projeto original de Robin Bilardello

*Imagem de capa:* Lee Avison/Trevillion Images

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Adlington, Lucy

As costureiras de Auschwitz: a verdadeira história das mulheres que costuravam para sobreviver / Lucy Adlington; tradução de Renato Marques. – São Paulo: Planeta, 2021.

384 p.; il.

ISBN 978-65-5535-575-8

Título original: *The Dressmakers of Auschwitz: The True Story of Women Who Sewed to Survive*

1. Holocausto – Sobreviventes 2. Guerra Mundial, 1939-1945 3. Auschwitz (Campo de concentração) I. Título II. Marques, Renato

21-5219

CDD 940.5318

Índice para catálogo sistemático:

1. Holocausto – Sobreviventes



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

# Sumário

INTRODUÇÃO		9
CAPÍTULO UM	Uma das poucas que sobreviveram	15
CAPÍTULO DOIS	O único poder	39
CAPÍTULO TRÊS	E depois, como continuar?	65
CAPÍTULO QUATRO	A estrela amarela	97
CAPÍTULO CINCO	A recepção costumeira	121
CAPÍTULO SEIS	Você quer continuar viva	149
CAPÍTULO SETE	Quero viver aqui até morrer	185
CAPÍTULO OITO	Entre as 10 mil mulheres	211
CAPÍTULO NOVE	Solidariedade e apoio	239
CAPÍTULO DEZ	O ar cheira a papel queimado	267
CAPÍTULO ONZE	Querem que sejamos normais?	307
AGRADECIMENTOS		329
CRÉDITOS DAS IMAGENS		331
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		335
NOTAS SOBRE AS FONTES		345
ÍNDICE REMISSIVO		375

## CAPÍTULO UM

# Uma das poucas que sobreviveram

“Depois de dois anos, fui para o prédio da administração, onde trabalhei como costureira na sala de costura para famílias da SS. Trabalhava de dez a doze horas por dia. Sou uma das poucas que sobreviveram ao inferno de Auschwitz.”

*Olga Kováčz*<sup>1</sup>

Um dia como outro qualquer.

À luz de duas janelas, um grupo de mulheres com lenço branco na cabeça costurava ao redor de compridas mesas de madeira, as cabeças inclinadas sobre as roupas, dedos hábeis transpassando a agulha no pano e alinhavando pontos. Era uma sala num porão. O céu além das janelas não representava liberdade. Esse recinto era o refúgio delas.

As mulheres estavam rodeadas por toda a parafernália de um próspero ateliê de moda, todas as ferramentas de seu ofício. Sobre as mesas, fitas métricas enroladas, tesouras e carretéis. Empilhados ao lado, rolos de todos os tipos de tecido. Espalhados ao redor, revistas de moda e moldes de costura do leve e maleável papel Kraft. Adjacente à oficina principal, havia um provador privativo para clientes, tudo sob a égide da inteligente e competente Marta, que, não muito tempo antes, gerenciava seu próprio e bem-sucedido ateliê em Bratislava. Dando assistência a Marta, Borichka.

As costureiras não trabalhavam em silêncio. Em uma algazarra – uma babel de eslovaco, alemão, húngaro, francês, polonês –, conversavam sobre seu trabalho, suas casas, suas famílias... inclusive

brincavam entre si. Afinal, eram na maioria jovens, meninas no fim da adolescência ou moças de vinte e poucos anos. A mais nova tinha apenas 14 anos de idade. “Franguinha”, como a chamavam, corria de um lado para o outro do salão buscando e levando alfinetes e varrendo fios cortados.

As amigas trabalhavam juntas. Irene, Bracha e Renée, todas de Bratislava, e a irmã de Bracha, Katka, que costurava elegantes casacos de lã para suas clientes, mesmo quando seus dedos estavam congelados de frio. Baba e Lulu também eram amigas íntimas, uma sisuda e a outra travessa. Hunya, de trinta e poucos anos, era ao mesmo tempo uma amiga e uma figura materna, ostentando uma personalidade forte que impunha respeito. Olga, quase com a mesma idade de Hunya, parecia uma idosa para as mais novas.

Eram todas judias.

Costuravam ao lado delas duas comunistas francesas: Alida, a *corsetière* – especialista na confecção de corseletes, sutiãs, corpetes e espartilhos –, e a combatente da resistência Marilou, ambas presas e deportadas por se oporem à ocupação nazista em seu país.

Ao todo, 25 mulheres trabalhando, manejando agulhas e perfurando o tecido. Quando uma delas era chamada e nunca mais reaparecia, Marta logo tomava providências para que outra ocupasse seu lugar, a fim de que o maior número possível de prisioneiras se juntasse ao refúgio no porão. Naquela sala de costura elas tinham nome. Fora do ateliê, não tinham: eram apenas números.

Trabalho não faltava. O livro de pedidos, grande e negro, estava tão abarrotado de encomendas que a espera podia chegar a seis meses, mesmo para clientes do alto escalão em Berlim. Dava-se prioridade aos clientes locais e à proprietária do salão, Hedwig Höss. Esposa do comandante do campo de concentração de Auschwitz.\*

Certo dia, um dia como qualquer outro, ouviu-se um grito de consternação no salão do porão e sentiu-se horrível cheiro de

---

\* Os comandantes do complexo de campos de concentração de Auschwitz foram: tenente-coronel da SS Rudolf Höss, de maio de 1940 a novembro de 1943; tenente-coronel da SS Arthur Liebehenschel, de novembro de 1943 até meados de maio de 1944; e major da SS Richard Baer, de meados de maio de 1944 a 27 de janeiro de 1945. (N. T.)

tecido queimado. Catástrofe. Enquanto uma das costureiras passava um vestido, o ferro, quente demais, queimou o tecido; a marca de queimadura era bem visível na frente, sem maneira de escondê-la. A cliente tinha hora marcada para fazer a prova de ajustes no dia seguinte. Louca de aflição, a desajeitada costureira perguntava, aos berros:

— O que podemos fazer? O que podemos fazer?

As outras interromperam o trabalho, sentindo o pânico da companheira. Não se tratava de um simples vestido arruinado. As clientes de lá eram esposas de homens de alto escalão da guarnição da SS em Auschwitz. Homens famosos por espancamentos, tortura e assassinato em massa. Homens com controle total sobre a vida e o destino de cada uma das mulheres naquele ambiente.

Marta, no comando, avaliou com calma os estragos.

— Sabem o que vamos fazer? Vamos tirar esta nesga aqui e inserir este tecido novo. Rápido, agora...

Todas se reuniram e juntaram forças.

No dia seguinte, a esposa de um oficial da SS chegou na hora marcada para provar a roupa. Experimentou o vestido e olhou, perplexa, no espelho do provador.

— Não me lembro de o design ser assim.

— Claro que era — respondeu Marta, em tom delicado. — Não está lindo? Um estilo novo...<sup>2</sup>

Desastre evitado. Por ora.

As costureiras voltaram ao trabalho, as agulhas perfurando o tecido e alinhavando pontos, e viveram para ver mais um dia como prisioneiras em Auschwitz.

As forças que convergiram para criar um ateliê de moda em Auschwitz também foram responsáveis por moldar e fraturar a vida das mulheres que acabariam por trabalhar lá. Duas décadas antes, quando as costureiras ainda eram meninas, ou apenas bebês, não podiam ter noção de como seu destino as reuniria lá. Mesmo os adultos que faziam parte de sua vida teriam pelejado para compreender um futuro que incluísse a alta-costura em meio ao genocídio industrializado.

Quando somos crianças, o mundo é muito pequeno, mas rico em detalhes e sensações. A lá pinicando a pele, dedos frios atrapalhando-se ao lidar com botões teimosos, o fascínio dos fios se desmanchando em rasgo no joelho das calças puídas. No começo, nosso horizonte é limitado pelas paredes de uma casa de família, depois se amplia para esquinas, campos, florestas e paisagens urbanas. Não há nenhum presságio a anunciar o que acontecerá. Com

o tempo, memórias e recordações são tudo o que resta de anos perdidos.

Um dos rostos que olham do passado é o de Irene Reichenberg ainda criança, em uma fotografia de data desconhecida. Suas feições são pálidas entre as sombras; suas roupas, indistintas. As bochechas arredondadas em um sorriso hesitante, como se, cautelosa, temesse mostrar emoção em excesso.

Irene nasceu em 23 de abril de 1922, em Bratislava, bela cidade da então Tchecoslováquia às margens do rio Danúbio, a apenas uma hora de Vie-



Irene Reichenberg quando criança.

na. O nascimento aconteceu três anos depois de um recenseamento que mostrou que a população da cidade era principalmente uma mistura étnica de alemães, eslovacos e húngaros. Desde 1918, todos estavam sob o controle político do novo Estado tchecoslovaco, mas a comunidade judaica, com quase 15 mil pessoas, concentrava-se em determinado bairro da cidade, a poucos minutos a pé da margem norte do Danúbio.

O centro do bairro judaico era a Judengasse, ou Židovská ulica, rua dos Judeus. Antes de 1840, os judeus haviam sido segregados nessa única ladeira de Bratislava, parte da propriedade do castelo local. Portões em ambas as extremidades eram trancados à noite por guardas municipais, criando uma rua-gueto, o que deixava claro que os judeus deveriam ser considerados indivíduos separados dos outros nativos da cidade.

Nas décadas que se seguiram, as leis antissemitas foram afrouxadas, permitindo às famílias judias mais prósperas a liberdade de se mudarem dessa rua e se deslocarem para a parte principal da cidade. Os outrora imponentes edifícios barrocos da rua Židovská foram subdivididos em acanhados cortiços que abrigavam famílias numerosas. Embora a área tivesse a reputação de ser precária, as ruas de paralelepípedos eram imaculadamente limpas, e as lojas e as oficinas viviam movimentadas. Era uma comunidade unida e solidária. Todo mundo conhecia todo mundo. E todos sabiam da vida uns dos outros também. Os moradores nutriam um sentimento especial de pertencimento.

“Aquela foi a época mais feliz da minha vida.  
Nasci lá, cresci lá e lá vivia com minha família.”

*Irene Reichenberg*<sup>3</sup>

A rua Židovská era um lugar maravilhoso para as crianças, que, aos tropeções e às cambalhotas, entravam e saíam da casa de amigos e dominavam estradas e calçadas com jogos e brincadeiras. A casa de Irene ficava no número 18, no segundo andar de um edifício de esquina. Na família Reichenberg havia oito crianças. Como em qualquer grande família, diferentes alianças e lealdades se formaram entre os irmãos, bem como certo distanciamento entre os mais velhos e os mais novos. Um dos irmãos de Irene, Armin, trabalhava numa loja de doces. Futuramente partiria para o Mandato Britânico da Palestina e seria poupado do trauma do Holocausto. Outro irmão, Laci Reichenberg, trabalhava em uma empresa judaica atacadista de tecidos. Ele se casou com uma jovem eslovaca chamada Turulka Fuchs.

Nos primeiros anos de Irene, ninguém da família pensava em guerra. Esperava-se que todo aquele horror acabasse após o Armistício de 1918 e o nascimento do novo país, a Tchecoslováquia, onde os judeus eram cidadãos. A própria Irene era jovem demais para ter consciência do mundo fora dos limites do bairro judaico. Seu caminho, como o da maioria das meninas da época, era se tornar proficiente no trabalho doméstico, com vistas ao casamento e à maternidade,

a exemplo das irmãs mais velhas. Katarina, conhecida como Kätthe, foi cortejada por um belo jovem chamado Leo Kohn; Jolanda, ou Jolli, casou-se com o eletricitista Bela Grotter em 1937; Frieda foi a próxima a se casar, tornando-se Frieda Federweiss, deixando apenas Irene, Edith e Grete.<sup>4</sup>

O sustento financeiro dessa família numerosa cabia ao pai de Irene, Shmuel Reichenberg. Shmuel era sapateiro, um dos muitos artesãos da Židovská. A perícia e a pobreza dos sapateiros foram imortalizadas nos contos de fadas. Realmente havia uma espécie de magia na hábil maneira como Shmuel cortava e moldava peças de couro flexível em uma fôrma de madeira, dava pontos entre as costuras com linha encerada e martelava com cuidado cada prego, curvado sobre seu trabalho das 7h da manhã até tarde da noite, tudo sem ajuda de máquinas. O dinheiro era apertado, e as vendas, incertas. Para muitos moradores da rua Židovská, sapatos novos ou até mesmo consertos de sapatos eram um luxo. Nos duros anos entreguerras, as pessoas mais pobres andavam descalças ou amarravam trapos para impedir que os calçados estragados se desfizessem de vez.

Se cabia ao pai de Irene o papel de provedor do sustento para a família, a mãe dela, Tzvia, ou Cecilia, era a panificadora e dona de casa. Seu dia de trabalho era ainda mais longo que o de seu marido. A labuta doméstica era árdua e penosa, sem máquinas que poupassem esforço e sem a ajuda de criados, apenas das filhas. A cada dois anos, Tzvia engravidava, o que significava uma cansa-seira adicional à lida de cozinhar, limpar e lavar roupas. Apesar da família grande e da renda pequena, Tzvia fazia o possível para que cada filho pequeno se sentisse especial. Num ano, a pequena Irene recebeu um presente de aniversário especial: um ovo cozido inteiro só para ela. Ficou encantada com isso, e seus amigos na rua Židovská souberam dessa maravilha.

Desse grupo especial de amigos fazia parte uma menina de uma família judia ortodoxa: Renée Ungar. O pai de Renée era rabino, e sua mãe, dona de casa. Um ano mais velha que Irene, Renée era ousada, em contraste com o comedimento de Irene.<sup>5</sup> Um retrato de Renée datado de 1939 mostra uma postura calma e inteligente, contrabalançada por

pompons de dois tons pendurados em uma gola arredondada estilo Peter Pan.

Uma década antes de esta foto ser tirada, quando Irene tinha 7 anos, ganhou uma nova coleguinha de brincadeiras que se tornaria uma amiga para toda a vida e uma corajosa companheira durante a jornada mais angustiante que elas enfrentariam: Bracha Berkovič.



“Passamos bons momentos lá.”

***Bracha Berkovič***

Renée Ungar em 1939.

Bracha era uma camponesa nascida na aldeia de Čepa, nas terras altas da Rutênia dos Cárpatos [que pertencia à Áustria-Hungria antes da Primeira Guerra Mundial, mas se tornou parte do novo Estado da Tchecoslováquia em 1919]. Longe dos principais centros industriais, essa parte da Tchecoslováquia do entreguerras era basicamente agrícola. As cidadezinhas e os vilarejos rurais se distinguiam pelos próprios padrões de fala e costumes locais e até mesmo pelos desenhos de bordado locais.

A paisagem da infância de Bracha foi dominada pelas cordilheiras aparentemente intermináveis das altas montanhas Tatras, que aos poucos se suavizavam para dar lugar a campos de trevo, centeio, cevada e brotos verdes de beterraba-sacarina. Os campos eram lavrados por grupos de moças vestindo blusa de mangas bufantes, saia larga em multicamadas e lenço colorido na cabeça. Meninas pastoras cuidavam de seus rebanhos; trabalhadores capinavam empunhando enxadas, colhiam e faziam a respiga. O verão era a época para usar roupas de algodão e cores mais claras – xadrez, florais e listras. O inverno pedia lã e tecidos rústicos pesados. As roupas escureciam em contraste com a neve. Quentes xales com franjas aqueciam a cabeça e se enrolavam sob o queixo ou se cruzavam por cima dos ombros e se amarravam nas costas. Faixas brilhantes de bordado floral cintilavam nos punhos e nas costuras das mangas.

A vida posterior de Bracha se ligou de maneira indissociável ao mundo do vestuário e, coincidentemente, seu nascimento também. Sua mãe, Karolína, precisou continuar com o pesado trabalho de lavar roupas, mesmo no fim da gravidez. Na zona rural dos Cárpatos, desde a primeira luz da alvorada as mulheres carregavam trouxas de roupa suja para o rio, onde trabalhavam descalças na água fria, enquanto as crianças brincavam às margens. Outras lavagens eram feitas em casa, jogando-se roupas ensaboadas dentro de tinas, esfregando-as nas tábuas, torcendo-as com as mãos rachadas e depois carregando-as para um varal onde eram postas para secar. Em um dia frio e chuvoso, Karolína subia uma escada para pendurar roupas pesadas para secar sob o beiral do telhado quando sentiu as primeiras dores do parto. Era 8 de novembro de 1921. Na época, Karolína tinha 19 anos. Era seu primeiro bebê.<sup>6</sup>

Bracha nasceu na casa dos avós. Embora fosse pequena e apinhada, contasse apenas um forno de barro para aquecimento e água de uma bomba, Bracha se recordava de sua infância como uma época de paraíso terrestre.<sup>7</sup>

O amor familiar estava no centro de suas lembranças felizes, apesar de algumas inevitáveis tensões.<sup>8</sup> O casamento de seus pais fora arranjado por uma casamenteira local – costume que não era incomum no Leste Europeu naquele período – e era uma auspiciosa parceria de duas pessoas honestas e capazes. Salomon Berkovič, nascido surdo-mudo, estava destinado a se casar com a irmã mais velha de Karolína, mas ela o recusou por causa de sua deficiência física. Karolína, de 18 anos, foi persuadida a tomar o lugar da irmã, seduzida pela imagem de si mesma como uma noiva vestida de branco.

“Todos davam o melhor de si  
em uma vida muito difícil e árdua.”

*Bracha Berkovič*

Depois do casamento, Karolína deu à luz a uma fila de bebês. Após o nascimento abrupto de Bracha naquele dia de lavar roupas, vieram ao mundo Emil, Katarina, Irene e Moritz. O casebre ficou

tão lotado que Katarina – conhecida como Katka – foi enviada para morar com a tia sem filhos, Genia, até os 6 anos de idade. Embora se sentisse próxima da irmã Irene, foi com Katka que Bracha entreteceu laços inquebrantáveis quando foram transportadas juntas para Auschwitz. A lealdade das irmãs garantiu que compartilhassem um destino comum no “estúdio de alta-costura superior”.<sup>9</sup>

O mundo da infância de Bracha incluía sentir o aroma do chalá, o pão trançado do *shabat* (sábado) judaico, saborear biscoitos de ázimo polvilhados com açúcar cristalizado e comer maçãs assadas com sua tia Serena, em uma casa cheia de bugigangas e toalhas de mesa decorativas. A costura foi a primeira atividade que expandiu os horizontes de Bracha para além da vida na aldeia. Mais especificamente, a alfaiataria.

Salomon Berkovič era um alfaiate extremamente talentoso, hábil o suficiente para encontrar trabalho em uma firma de elite chamada Pokorny, em Bratislava. Sua máquina de costura foi transportada de Čepa para a cidade grande, e aos poucos ele foi arrebanhando uma clientela fiel, trabalhando em casa, na rua Židovská, com um assistente para ajudar nos consertos e nas reformas de peças. Mais tarde, expandiu o negócio e contratou três funcionários – todos surdos-mudos –, além do tio de Bracha, Herman, como aprendiz. Todos os anos, viajava para Budapeste a fim de participar de eventos de moda em que se apresentavam os mais recentes estilos de roupa masculina.

O sucesso de seu empreendimento deveu-se em grande parte à incansável assistência de Karolína, que o acompanhava a Bratislava para fazer as vezes de intermediária junto aos clientes e ajudar com os acessórios. Determinada a não ficar para trás, a jovem Bracha produzia quantidades de lágrimas suficientes para persuadir a mãe a deixá-la viajar para Bratislava também.

Era uma viagem de trem empolgante para uma menina de aldeia, misturando-se com outros passageiros e imaginando que surpresas o fim da jornada proporcionaria. As placas no trem estavam escritas em tcheco, eslovaco, alemão e francês, realçando a mistura de povos da Tchecoslováquia. Pelas janelas do vagão ela vislumbrava as mudanças de cenário. O trem rumava a um mundo novo e deslumbrante.

Bratislava era verdejante de árvores, iluminada com a nova arquitetura e repleta de pessoas olhando vitrines e fazendo compras, transitando de carrinhos de bebê, cavalos, carrinhos de mão, automóveis e bondes elétricos. No rio Danúbio, barcaças de carga, pequenos rebocadores e navios a vapor com propulsão de roda de pás singravam águas plácidas. Para Bracha, o apartamento na rua Židovská era um lugar cheio de maravilhas em comparação com a vida de aldeia em Čepa. Havia água corrente saindo de torneiras em vez de baldes que eles enchiam em bombas. No lugar das lâmparas de azeite, luzes elétricas se acendiam e se apagavam com um interruptor. Um vaso sanitário entre quatro paredes era o maior dos deslumbramentos. Melhor ainda, havia a possibilidade de fazer novas amizades. As meninas que ela conheceu em Bratislava seriam suas companheiras durante os piores momentos que os anos de guerra acarretariam.

“Eu gostava de tudo, de tudo, de tudo...  
eu gostava de ir para a escola.”

*Irene Reichenberg*

Bracha conheceu Irene Reichenberg na escola. A educação era uma qualidade fundamental da vida judaica, por mais pobre que fosse a família. Em Bratislava não faltavam escolas nem faculdades. As roupas usadas para uma fotografia de 1930 do grupo de alunos da Escola Ortodoxa Judaica de Ensino Fundamental do bairro mostram o orgulho que as famílias tinham em mandar seus filhos para a escola, mesmo que isso significasse custo extra em casa. Como a foto posada é uma ocasião especial, algumas meninas estão de meias e sapatos brancos, em contraste com as robustas botas de couro que eram mais adequadas para as brincadeiras. Muitas meninas usam vestidos estilo *shift dress* [modelo de caimento simples e totalmente reto dos ombros à barra, que vai só até antes do joelho, tem base mais larga e cintura solta], fáceis de costurar e manter; outras usam trajes mais chiques estilo bata, com uma variedade de golas rendadas ou engomadas.



Fotografia da Escola Ortodoxa Judaica de Ensino Fundamental, 1930. Bracha Berkovič é a segunda a partir da esquerda, na fileira do meio.

Fica óbvia a moda dos cabelos curtos estilo *bob* ou *chanel* (na altura do maxilar) dos anos 1920, assim como as tranças, mais tradicionais. Não havia uniforme escolar para meninas, então vez por outra as últimas tendências da moda podiam se infiltrar. Certo ano, houve uma febre das golas sobrepostas tipo *volant*, feitas de tecidos muito finos que eram pregueados ou tinham babados. As garotas competiam entre si para ver quem usava mais *volants* ao mesmo tempo. A vencedora foi uma menina chamada Perla, que despertou a inveja de todas as outras por seus muitos plissês de musselina delicada. Dias felizes.

As aulas na Escola Ortodoxa Judaica de Ensino Fundamental eram ministradas em alemão, língua que teria um domínio cada vez maior na vida tchecoslovaca. No início, Bracha teve dificuldade para se encaixar, por ser nova na cidade e se sentir mais confortável falando húngaro e iídiche; mas logo se adaptou, fazendo amizade com Irene e Renée. Todas as meninas tornaram-se políglotas, às vezes mudando de um idioma para outro na mesma frase.

Fora do horário escolar, as crianças do bairro judaico perambulavam pelas ruas e pelas escadas brincando de pega-pega, esconde-esconde, rolavam aros de bicicleta pela via ou simplesmente se divertiam com traquinagens. Durante o recesso escolar de verão, pobres demais para viajar e passar férias fora da cidade,

aglomeravam-se para nadar em uma piscina rasa à beira do rio Danúbio ou para brincar no parque.

Esses jogos e brincadeiras não impediam Bracha de sentir saudades de seus amigos da aldeia. Aos 11 anos, importunou os pais até conseguir permissão para voltar a Čepa no verão. Querendo causar boa impressão como menina independente da cidade grande, planejou uma roupa muito mais bonita que qualquer coisa que ela usava normalmente em Bratislava e, cheia de orgulho, embarcou sozinha no trem. Usou um vestido bege, presente de uma amiga rica, um cinto vermelho de couro envernizado, sapatos pretos de couro envernizado e um chapéu de palha com uma fita colorida.

Detalhes como esses parecem frívolos em um contexto mais amplo da guerra e do sofrimento que se seguiria, mas marcam na memória. Permanecem na mente quando essas liberdades e essa elegância parecem pertencer a um mundo desaparecido.

“São lembranças realmente muito bonitas.”

*Irene Reichenberg*

As melhores roupas de todas eram reservadas para o sábado e outros dias sagrados. As famílias judias seguiam um antigo padrão de rituais familiares, do festival de Rosh Hashaná (o Ano-Novo judaico) às guloseimas de maçãs mergulhadas no mel, ao pão sem fermento e ervas amargas das refeições do Seder.\* Nos principais feriados judaicos abatiam-se gansos engordados, comia-se pipoca e a canja de galinha fervia no fogão. Irene amava ver sua numerosa família reunida em casa para orações, bênçãos e o calor da união.

No *shabat*, as residências da rua Židovská recendiam ao aroma do pão chala fresquinho, trançado com destreza por Bracha. A massa era misturada em casa e depois levada à padaria local para assar. As mulheres faziam uma meticulosa limpeza nas casas e amarravam aventais brancos para acender velas nas noites de sexta-feira.

---

\* Serviço ritual e jantar cerimonial da primeira noite ou das duas primeiras noites do Pesach, a Páscoa dos judeus. (N. T.)

Embora o *shabat*, celebrado do anoitecer de sexta-feira ao pôr do sol do sábado, fosse, por lei, um período sem trabalho – incluindo proibições ao trabalho têxtil, como tingir, fiar ou costurar –, ainda assim havia uma família para alimentar. A mãe de Bracha de alguma forma encontrava tempo e energia para preparar biscoitos de canela e *topfenknödel*, uma espécie de bolinho cozido de queijo fresco ou ricota, popular até mesmo nos chiques cafés vienenses.

As festas de casamento eram naturalmente um ponto alto da vida familiar. Quando um dos assistentes de alfaiataria de Salomon Berkovič anunciou que a irmã se casaria com o tio de Bracha, o sapateiro Jenő, Bracha recebeu de presente uma rara extravagância: uma roupa comprada em loja. Desejosa de copiar o pai, que sempre passava roupas em sua oficina, Bracha decidiu passar ela mesma o lindo vestido de marinheiro. Os preparativos da noiva foram interrompidos quando todos na casa perceberam um horrível cheiro de queimado: o vestido estava chamuscado.

Pareceu uma catástrofe para a pequena Bracha, obrigada a usar um vestido velho na cerimônia de casamento. Anos depois, quando alguém queimou um vestido na tábua de passar do ateliê de moda de Auschwitz e Marta, a supervisora, com sangue-frio tomou as rédeas da situação e evitou o desastre, essa lembrança de infância adquiriria um lustro diferente e mais suave. Bracha se lembraria da noiva do tio Jenő sendo vestida e arrumada em um quarto transformado em um país das maravilhas pela música de um gramofone de corda, enfeites de papel e lâmpadas iluminando uma pequena árvore plantada em um vaso. Tão logo a memória se apagasse, ela teria que retornar à realidade do “estúdio de alta-costura superior” e às exigências dos clientes nazistas.

“Sabíamos desde o primeiro momento  
que pertencíamos um ao outro.”

*Rudolf Höss*

Havia um mundo inteiro de distância entre o casamento do tio de Bracha e as núpcias celebradas na Alemanha em 17 de agosto de 1929, em uma fazenda na Pomerânia, cerca de uma hora ao sul do

mar Báltico. Futuramente, essa noiva teria um impacto profundo na vida de Bracha, embora seja duvidoso que algum dia ela ao menos tenha sabido o nome de Bracha.

Trata-se do casamento de um ex-soldado paramilitar mercenário chamado Rudolf Höss. Não muito tempo depois de cumprir pena por assassinato, Höss se casou com Erna Martha Hedwig Hensel, de 21 anos, conhecida como Hedwig. Uma fotografia do dia da cerimônia mostra a noiva em um vestido branco de cintura folgada e que cai até o meio da panturrilha. Mangas curtas revelam braços finos. Longas tranças arredondadas dão a seu rosto jovem um aspecto pequeno e delicado.<sup>10</sup>

“Nós nos casamos o mais rápido possível para começarmos nossa vida difícil juntos”, escreveu Rudolf em suas memórias.<sup>11</sup> Havia também o então embaraçoso fato de que Hedwig já estava grávida de seu primeiro filho, Klaus, concebido não muito depois que ela e Rudolf se conheceram.

O jovem casal foi apresentado pelo irmão de Hedwig, Gerhard Fritz Hensel, e foi um notório caso de amor à primeira vista: um romance entre dois idealistas ardentes e devotos de um incipiente grupo chamado Artman Bund, ou Liga Artamana, cujos membros eram adeptos da ideologia *völkisch* (popular e nacionalista): ansiavam por uma vida rural simples, construída em torno de conceitos de ecologia, trabalho agrícola e autossuficiência. O desenvolvimento saudável da mente e do corpo era o objetivo central, com a proibição do álcool, da nicotina e, ironicamente para os recém-casados, do sexo extraconjugal. Rudolf e Hedwig se sentiram em casa em meio ao que Rudolf chamou de “comunidade de jovens patriotas” ávidos por um estilo de vida naturista.<sup>12</sup>

As teorias raciais dos artamanos combinavam perfeitamente com a retórica de “sangue e solo” dos proponentes direitistas do conceito de *Lebensraum* [espaço vital] promovido com tanta ênfase no grandiloquente manifesto de Adolf Hitler, *Mein Kampf* [*Minha luta*]: que a Alemanha precisava se expandir para leste de modo a criar sua versão de um paraíso agrícola, racial e industrial, exclusivo para aqueles em cujas veias circulava o puro sangue alemão.

Hedwig estava tão engajada quanto o marido nesses ideais e ansiosa para começar a cultivar a própria terra assim que o casal recebesse seu quinhão. Contudo, não eram trabalhadores camponeses passivos. Rudolf foi nomeado inspetor regional artamano. Um ano depois, seu caminho se cruzou com o de Heinrich Himmler pela segunda vez; eles haviam se conhecido em 1921, quando Himmler era um ambicioso estudante de agronomia. Ambos se tornaram devotados membros do Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei, o hitlerista Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), mais conhecido como Partido Nazista. Discutiam os problemas da Alemanha. Himmler propunha que a única solução para a imoralidade urbana e o enfraquecimento racial era conquistar um novo território no leste.<sup>13</sup> Suas futuras colaborações teriam resultados devastadores para milhões de judeus.

De volta a Bratislava, aparentemente a salvo das ambições dos artamanos e dos nazistas, a vida judaica continuou normal na década de 1930. Famílias numerosas acabavam significando grandes reuniões para casamentos e outras ocasiões festivas – uma chance de encontrar parentes que viviam em lugares distantes e de conhecer uma miríade de parentes por afinidade. As redes interfamiliares eram complexas. De alguma forma, todas as pessoas estavam ligadas a todas as outras – não parecia haver nada de extraordinário nisso. Então, quando o irmão mais velho de Irene, Laci Reichenberg, se casou com Turul Fuchs – conhecida como “Turulka” –, por que Irene ou Bracha pensariam em qualquer outra coisa a não ser ficarem felizes pelos recém-casados?

Esse vínculo seria fatídico de maneiras que eles não podiam imaginar.

Turulka Fuchs tinha uma irmã chamada Marta.

A inteligente e competente Marta Fuchs era apenas quatro anos mais velha que Irene e Bracha, mas esses quatro anos pareciam colocá-la a mundos de distância em termos de maturidade e experiência.<sup>14</sup> A família de Marta era originária de Mosonmagyaróvár,

hoje parte da Hungria. Sua mãe se chamava Rósa Schneider; seu pai, Dezider Fuchs – conhecido em húngaro como Deszö. A Grande Guerra ainda estava longe de seus estertores quando Marta nasceu, em 1º de junho de 1918. Quando as famílias de Rósa e Dezider se mudaram para Pezinok, o vilarejo era próximo o suficiente de Bratislava para permitir que Marta frequentasse uma escola de ensino médio, onde se especializou em artes.<sup>15</sup> Assim que concluiu os estudos, Marta tornou-se costureira, passou por um período de treinamento com A. Fischgrundová entre setembro de 1932 e outubro de 1934 e depois trabalhou em Bratislava até sua deportação, em 1942.



Marta Fuchs, terceira de pé a partir da direita, em uma festa de família, em 1934.

Em 8 de julho de 1934, os avós de Marta, os Schneider, celebraram bodas de ouro em Mosonmagyaróvár. Marta acompanhou os pais e as irmãs na festa. Os parentes próximos se reuniram para uma fotografia em um pátio sombreado. Marta – ao lado da irmã Kláríka – já dava indícios de que levava jeito para questões da moda, com um laço alegre na frente da blusa. O rosto dela se vê sorridente e sossegado; sua natureza calorosa e amigável é evidente. Turulka, já casada havia alguns com Laci Reichenberg, está sentada no centro,

segurando uma menina no colo. Há outros toques de estilo nos ternos bem cortados, o lenço listrado *art déco* usado pela mãe de Marta (a terceira a partir da esquerda, sentada) e os elegantes sapatos urbanos das mulheres sentadas na primeira fila.

Em 1934, Marta estava em Bratislava, terminando seus dois anos de instrução como costureira. Também em 1934, Rudolf Höss ingressou na SS – o que era uma espécie de vocação bem diferente.

Depois de muita reflexão e autoanálise, decidiu que seu sonho de idílio agrícola com os artamanos teria que esperar. Himmler o havia persuadido de que seus talentos poderiam servir a um papel muito melhor em uma arena mais ambiciosa: promover os objetivos do nacional-socialismo. Rudolf aceitou sua primeira função no campo de concentração de Dachau, nos arredores de Munique. Supostamente, para “reeducar” os que representassem uma ameaça ao regime nazista recém-eleito.

Sua esposa, Hedwig, obediamente se mudou para os alojamentos das famílias de guardas e oficiais da SS em um distrito nos arredores do campo de concentração, com seu trio de filhos pequenos: Klaus, Heidtraut e Inge-Brigitt. Apesar da drástica mudança, Hedwig estava politicamente comprometida com os objetivos nacional-socialistas e não se opôs ao novo trabalho do marido. Afinal, ele estava apenas atuando como guardião dos “inimigos do Estado”. Para o nascimento de seu quarto filho, Hans-Jürgen, ela solicitou uma cesariana, de modo que um trabalho de parto demorado não interferisse nos planos de ouvir o grande discurso do 1º de Maio de Hitler em Berlim.<sup>16</sup>

Em 1934, Bracha Berkovič estava bem longe da política de Berlim ou mesmo da agitação de Bratislava. Durante uma celebração de Rosh Hashaná, adoeceu. Foi diagnosticada com tuberculose. Por causa de uma transferência para o renomado sanatório de tuberculose de Vyšné Hágy, nas altas montanhas Tatras, parte mais elevada da cordilheira dos Cárpatos, ela se ausentou de casa por dois longos anos enquanto se recuperava. Sua visão de mundo se

ampliou tanto quanto a vista espetacular que tinha lá nas alturas do sanatório. Aprendeu a língua tcheca, adaptou-se a comer alimentos não *kosher*\* e até mesmo recebeu seu primeiro presente de Natal: um lindo vestido. Ficou maravilhada com o cintilante verdor da árvore de Natal do sanatório.

Apesar de todas essas novas experiências, Bracha ainda não era versada em termos de conhecimento do mundo. Tendo encontrado brinquedos e roupas abandonados no sótão do sanatório, lá deixados por pacientes anteriores, decidiu mandá-los para sua família em Bratislava. Pegou uma porção de coisas – incluindo um ioiô e um ursinho de pelúcia cuja barriga rosnava – e marchou para a agência do correio local, confiando que de alguma forma chegariam à sua casa. O funcionário do correio gentilmente acondicionou os presentes em um pacote de verdade, depois endereçou a encomenda e cuidou dos trâmites da postagem.

Por causa da temporada que passou internada, Bracha ficou um ano atrasada na escola em relação a Irene e Renée quando voltou para Bratislava. Todas as meninas continuaram os estudos, tendo aulas que as preparariam para o mundo do trabalho. Por necessidade financeira, a maioria das crianças da rua Židovská saía da escola aos 14 anos para aprender um ofício. Havia restrições de emprego em função do gênero. As meninas destinavam-se a trabalhar principalmente no secretariado ou no comércio de tecidos, e a renda destinava-se a mantê-las até que se casassem e constituíssem a própria família.

Irene se matriculou em uma escola técnica comercial administrada por alemães dos Cárpatos. Renée fez treinamento técnico em estenografia e contabilidade. Bracha primeiro conseguiu vaga em um curso de secretariado na Escola Católica de Ensino Médio Notre-Dame. Como tinha aparência “cristã”, de acordo com os simplistas e reducionistas estereótipos de raça que proliferavam, foi colocada na primeira fila da fotografia escolar de 1938 por ocasião da cerimônia de entrega do diploma. No entanto, a aparência física

---

\* A comida *kosher* é preparada de acordo com as leis dietéticas judaicas que definem os alimentos como “aptos, justos, idôneos e bons”. (N. T.)

não lhe serviu de defesa contra a intensificação do preconceito e da segregação na Europa.

Na adolescência, as meninas já tinham idade suficiente para perceber as crescentes ansiedades e preocupações no exterior e em seu país. A retórica nazista antijudaica na Alemanha inflamou as tensões antisemitas existentes na Tchecoslováquia. À medida que os nazistas consolidavam seu poder, os boletins de notícias radiofônicos eram cada vez mais sombrios. O jornal *Prager Tagblatt* mantinha todos atualizados sobre os últimos acontecimentos internacionais. A maneira como deveriam reagir era um dilema.

As famílias judias deveriam ser complacentes e manter a esperança de que a violência seguisse esporádica? Era exagerado pensar em deixar a cidade para se refugiar em ambientes rurais menos voláteis? Decisão mais extremada ainda: deveriam pensar em deixar a Europa de uma vez por todas e empreender a *Aliyah*, a jornada para a terra da Palestina?

Irene e Bracha ingressaram em grupos de jovens sionistas. Em parte, foi por diversão e camaradagem; lá rapazes e moças podiam fazer amizades ou arriscar um romance. Além das interações, havia um propósito mais profundo: treinar para fazer o trabalho nos *kibutzim* – as comunidades autônomas israelenses calcadas em trabalho coletivo agrícola ou agroindustrial. Bracha e Irene pertenciam ao grupo Hashomer\* HaTzair, ou a “Jovem Guarda”. Irene também era uma das aspirantes ao *kibutz* com o grupo esquerdista HaOgen, “a Âncora”, e se dispôs a enfrentar o desafio da emigração para a Palestina em 1938. Por causa da doença e da morte prematura de sua mãe no mesmo ano, somadas à falta de dinheiro para as passagens, ela se viu impedida de concretizar o plano.

Bracha também se juntou a um grupo semelhante, chamado Mizrachi. Em foto com amigos do grupo, ela parece radiante e tranquila. Os adolescentes usam roupas informais, práticas e isentas

---

\* Movimento juvenil judaico Hashomer [Guardião], de base sionista e socialista. Criado na Galícia [então Império Austro-Húngaro, atual Ucrânia], na década de 1920, o movimento já tinha quatro *kibutzim* na Palestina e pregava a igualdade entre árabes e judeus, em um Estado binacional. Entre seus membros, destaca-se o herói Mordechai Anielewicz, líder da resistência judaica contra o Exército nazista no Gueto de Varsóvia, em 1943. (N. T.)



Bracha Berkovič, sentada, segunda a partir da esquerda, com amigos do grupo Mizrachi antes da guerra.

de maneirismos da moda. Foi nas reuniões do Mizrachi que Bracha criou um novo vínculo – mais um fio numa teia que futuramente conectaria muitas vidas. Tornou-se amiga de uma jovem alegre chamada Shoshana Storch.

A família de Shoshana era da cidadezinha Kežmarok, no leste da Eslováquia. Embora tendo como pano de fundo as altas montanhas Tatras e

distante das cidades de Bratislava e Praga, Kežmarok apresentava toques elegantes. Fileiras de tílias davam às ruas comerciais o aspecto mais de bulevares que de meras vias; arcos de pedra cobriam de sombra os becos de paralelepípedos, que levavam a belos pátios e poços antigos.<sup>17</sup>

A casa da família Storch ficava perto de um desses poços. Um amplo quintal na parte de trás propiciava espaço no verão. No inverno, o coração da casa era um imenso fogão com a frente de cerâmica, aquecendo toda a família em um grande cômodo. Havia uma latrina externa onde os ratos muitas vezes se escondiam, então era bom bater palmas bem alto antes de entrar nessa casinha. Nos dias de aula, todas as oito crianças Storch se espalhavam pela escada para calçar os sapatos, rindo e brincando: Dora, Hunya, Tauba, Rivka, Abraham, Adolph, Naftali e Shoshana. O dinheiro costumava ser curto, mas o apoio de um dos avós significava que as crianças pelo menos tinham sapatos e a despensa estaria bem abastecida para o inverno, com provisões de carvão e batata.

Shoshana fugiu da Tchecoslováquia para a Palestina enquanto ainda era possível, assim como seus pais e a maioria de seus irmãos e suas irmãs. Sua irmã mais velha, Hermine – conhecida como Hunya – ficaria presa na Europa e um dia uniria forças com Bracha, Irene e Marta.

“Na época, eu não tinha ideia de como seria fatídica para mim a escolha dessa ocupação.”

*Hunya Volkmann, nome de solteira Storch*

Hunya nasceu em 5 de outubro de 1908, mesmo ano de Hedwig Hensel-Höss.<sup>18</sup> Aprendeu costura à mão com a mãe, Zipora, especialmente hábil no bordado, o qual as noivas cobijavam para enxovais (tendo um marido de senso comercial limitado, a avó de Hunya foi forçada a vender o próprio enxoval para ajudar a alimentar a família). Em casa, Hunya também aprendeu a usar e fazer a manutenção de uma máquina de costura.

No cartão de registro de Hunya como prisioneira do campo de concentração, datado de 1943, consta que ela tinha 1,65 metro de altura, cabelos e olhos castanhos. Nariz reto. Corpo esguio, rosto redondo, orelhas de tamanho médio. Arcada dentária completa, sem marcas distintivas, sem ficha criminal.<sup>19</sup> A descrição não chega nem perto de sintetizar seu temperamento, que era inquestionavelmente vigoroso e cheio de vida. Ela era resoluta, com determinação férrea temperada com compaixão e generosidade.

O alto astral significava que Hunya jamais se contentaria com atividades escolares. Sua ambição era ser costureira. A costura profissional não era para moças sonhadoras e diletantes; exigia dedicação, resiliência e anos de treinamento. Era necessário dominar o básico antes que o brilho pessoal pudesse ser explorado. Hunya se inscreveu como aprendiz com a melhor costureira de Kežmarok. Que lugar seria melhor para aprender seu ofício? Durante um ano inteiro, ela recolheu alfinetes, limpou a oficina e realizou pequenas tarefas, o tempo todo observando em silêncio as costureiras experientes transformarem tecidos em roupas.

Desenhar padrões, cortar, costurar, passar a ferro, ajustar, dar acabamento... cada etapa do processo exigia habilidades que Hunya estava determinada a adquirir. Embora fosse uma humilde aprendiz, ela se mantinha ocupada. Quando voltava para casa, aprontava um jantar às pressas e trabalhava até bem depois de meia-noite na máquina de costura da marca Bobbin de sua mãe, consertando e

fazendo roupas para familiares e amigos. Mais dois anos no salão Kežmarok proporcionaram a ela a experiência necessária para ser aceita em uma conhecida escola de costura no exterior, o que seria o passo seguinte para realizar suas ambições. Era a usual labuta pesada de uma estagiária em costura: trabalhar de dez a doze horas por dia em um ateliê escuro e abafado, seis dias por semana. Ela estava pronta para o desafio.

Enquanto na Alemanha os artamanos e os nacional-socialistas discutiam a expansão para leste a fim de implementar suas diretrizes políticas, no fim da década de 1920 Hunya fez planos de viajar para oeste a fim de continuar em Leipzig a formação e o treinamento como costureira.

Quando adolescentes, nem Irene, nem Bracha, tampouco Renée, sentiam a mesma vocação que Hunya demonstrava quando tinha a idade delas. Nenhuma pensava em se dedicar à costura como profissão. Não de início. Estavam decididas a terminar sua formação vocacional. Isso parecia algo controlável, a despeito de qualquer turbulência política além das fronteiras da Tchecoslováquia, enquanto Adolf Hitler intensificava a retórica contra os judeus e fazia exigências cada vez mais veementes em nome dos direitos dos alemães.

Em 1938, tornou-se óbvio, de modo impactante, que linhas traçadas em um mapa não serviriam de defesa contra as ambições expansionistas nazistas. Hitler exigiu o controle da área dos Sudetos da Tchecoslováquia, alegando que a intenção era proteger os descendentes de alemães que lá viviam. Na esperança de evitar um conflito total, as potências europeias se reuniram em Munique a fim de debater a questão. A Tchecoslováquia não foi representada na conferência e não teve qualquer influência na decisão de anexar o território dos Sudetos. Isso foi em setembro.

Em novembro, partes do país foram cedidas à Hungria e à Polônia. Bracha sentiu os efeitos disso em primeira mão. Sua família havia retornado ao vilarejo de Čepa em 1938. Quando a Hungria ocupou a área, a família mais uma vez se desenraizou e cruzou

ilegalmente a fronteira de volta a Bratislava. Foi um prenúncio de deslocamentos futuros.

Em março de 1939, a Boêmia e a Morávia passaram para o domínio alemão. A Eslováquia era, agora, um Estado fantoche clero-fascista, com governantes antissemitas de direita. A Tchecoslováquia deixou de existir como país.

Em Kežmarok, cidade natal de Hunya, os judeus partiram voluntariamente ou foram “incentivados a ir embora”. Um aluno judeu da escola local entrou na classe e viu que alguém escreveu no quadro-negro as palavras *Wir sind judenrein* [Estamos livre de judeus]. Colegas de longa data tornaram-se inimigos raciais.<sup>20</sup>

De volta a Bratislava, em 1939, certo dia Irene chegou à escola como de costume. Foi correndo para a classe com as amigas, pronta para um dia normal de aulas. A professora entrou e, sem qualquer preâmbulo, anunciou:

— Não podemos esperar que crianças alemãs se sentem na mesma sala de aula que judeus. Judeus, fora!

Irene e as outras meninas judias juntaram seus materiais e foram embora. Seus amigos não judeus não disseram nada, não fizeram nada.

— Elas eram meninas legais — disse Irene, perplexa com a passividade. — Não posso reclamar.<sup>21</sup>

A infância acabou.